

Morro Agudo de mãos dadas com o agronegócio em busca do desenvolvimento regional

Morro Agudo como muitos municípios paulistas é fruto da crise da mineração em Minas Gerais. Uma lei imperial impedia que as cidades se desenvolvessem. Artesanato, pequenas olarias e ferramentarias foram proibidas pela coroa portuguesa para que a mineração não parasse. A saturação das minas foi inevitável. Das cidades mineiras os homens voltaram para o campo. A agricultura era a única opção. Foi assim que surgiu o "Arraial do Chapéu". Possesiros se instalavam nas fazendas que mais pareciam vilas rurais. A Vila se desenvolveu ao redor da capela. A vida girava em torno da agricultura. Em 1885 o arraial se tornou freguesia e em 1935, graças às condições climáticas, o solo fértil e o crescimento rápido, Morro Agudo foi elevado à condição de município. Um século depois, conserva a mesma base econômica: a agricultura.

Foi em Morro Agudo que em 1938 aconteceu o primeiro desmamento mecânico do Brasil. O cerrado começava a ser conquistado. A partir de 1946, com a importação de tratores, deu-se a transformação do meio ambiente e a valorização de todos os municípios em sua volta. Uma história de uso da tecnologia que se repete até hoje. A agroindústria canavieira na região usa tecnologia de ponta, assim como as culturas de milho, soja, arroz, sorgo e algodão.

O agronegócio é a mola propulsora da cidade, e a principal fonte arrecadadora. 90% da arrecadação do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias de Morro Agudo depende de todas as atividades que giram ao redor do campo.

Um dos maiores municípios de São Paulo, com 1.386 km², tem 72% de suas terras ocupadas por 581 propriedades rurais, com produtividade surpreendente. A diversificação



Divulgação

da produção atraiu para a cidade indústrias transformadoras como a óleos Brejeiro e a Cooperativa Carol, a Metal Gráfica Paulista, que produz latas para envasamento de óleo e outros produtos, e indústrias de máquinas e implementos agrícolas, além das usinas de açúcar e álcool.

São as usinas as grandes empregadoras. Para o comércio da cidade o período de safra é a época de boas vendas. Segundo a Associação Comercial e Industrial, o comércio vende 50% a mais de mercadorias, de eletrodomésticos a roupas e alimentos.

É durante a safra que o SPC, Ser-

viço de Proteção ao Crédito insere menos nomes na sua lista de devedores do comércio local. É também a época onde mais as pessoas acertam suas contas e "limpam seu nome na praça", explica o gerente administrativo da ACI, Luiz Fernando.

Para a arrecadação municipal é esta, também, a melhor fase do ano, quando os investimentos são incrementados. Morro Agudo tem 100% das ruas pavimentadas e iluminadas. Todas as casas possuem água e esgoto encanado. Não existe favela e até os bairros da zona rural são totalmente urbanizados.

Morro Agudo tem acesso privilegiado pela rodovia Anhanguera, por onde é fácil escoar toda a produção da zona rural e das indústrias locais. Está muito longe da hidrelétrica de Itaipu. Não tem grandes represas, a não ser a que a população usa no "pesque grátis" aos domingos, mas é uma região produtora de energia elétrica. A co-geração resultante da queima do bagaço de cana já representa 7,5% do faturamento da Usina Vale do Rosário, a maior co-geradora do país, que está localizada na cidade.

Da proibição do desenvolvimento das cidades mineiras por D. Maria Louca, rainha de Portugal, resultou o desenvolvimento de cidades do interior de São Paulo, como Morro Agudo.



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 623-2326 e 620-9303. E-mail: abag.rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração eletrônica: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.500 exemplares



Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto

Alca, a guerra por mercados

A cidade de Quito, no Equador, foi o palco da realização do VII Foro Empresarial das Américas. Entre os dias 29 e 31 de outubro, delegações de líderes empresariais dos 34 países que participam das negociações da Área de Livre Comércio das Américas (apenas Cuba não participa) reuniram-se para oferecer aos ministros de comércio do continente os subsídios, ou "recomendações" do setor empresarial com vistas às negociações da ALCA.

Representantes das diversas delegações dividiram-se entre os grupos de trabalho: acesso a mercados; agricultura; comércio eletrônico; compras governamentais; economias menores; investimentos; política de concorrência; propriedade intelectual; regras de origem; serviços; solução de controvérsias; e subsídios, antidumping e



Ministro Celso Lafer na reunião em Quito

direitos compensatórios; que ocorrem simultaneamente.

A delegação brasileira, ou Coalizão Empresarial Brasileira, composta por cerca de 80 líderes empresariais ou representantes setoriais, marcou a presença do Brasil em todos os workshops. Melhor do que isso, deu um exemplo de coordenação e organização, com competência para negociar suas posições e impor o respeito que o país merece. Ao final de cada dia, toda a delegação se reunia,

inclusive com representantes do governo brasileiro, para apresentar os avanços alcançados, as dificuldades enfrentadas e traçar as estratégias para o dia seguinte. Importante ressaltar a sintonia entre as dele-

gações brasileira e argentina, como sinalização do interesse em manter e fortalecer o Mercosul.

Em alguns grupos as discussões foram inflamadas, nenhum país se mostrou disposto a ceder, principalmente aqueles que mais protegem os seus mercados.

Os avanços foram poucos, mas garantir a manutenção do que já havia sido acordado em encontros anteriores, foi uma grande conquista. Temas novos, polêmicos e argumentos de toda a natureza emperraram os trabalhos. Quando a discussão sobre o protecionismo agrícola dos países ricos do continente entrava em cena então, deixava de existir acordo possível.

O que ficou claro é que existe muito a negociar, principalmente no que se refere ao agronegócio, o maior e mais competitivo setor da economia brasileira.



Foto: Mônica Bergamaschi

Reunião da coalizão empresarial brasileira durante o VII Foro Empresarial, em Quito

Editorial

A quatro mãos

A região do complexo hoteleiro de Quito, local de realização do VII Foro Empresarial das Américas, mais parecia uma cena de batalha. Soldados armados e protegidos por escudos bloquearam avenidas e cercaram toda a área como forma de garantir a segurança dos participantes do encontro.

Nos arredores, manifestantes protestavam contra a criação da ALCA, empunhando faixas, bandeiras e entoando palavras contra a suposta dominação norte-americana aos demais países do continente. É legítimo o direito à manifestação e à liberdade de expressão, mas a grande maioria daquelas pessoas - grupos indígenas, grupos de mulheres, idosos e até crianças - sabia ao menos contra o que protestava enquanto era dispersada com bombas de gás lacrimogênio?

Saberiam eles que nos luxuosos salões dos hotéis, governos e empresários travavam também extenuantes batalhas na defesa dos interesses de seus países com pouca, ou nenhuma disposição em declinar ou ceder às pressões? Improvável.

A certeza é que a criação da ALCA dependerá, acima de tudo, da vontade política dos países de integrar e de usar o comércio como modo de integração. O Brasil deverá assinar o acordo apenas se ele se traduzir, de fato, em ganhos para o país, mas para tanto, será preciso negociar muito ainda, e bem.

O setor empresarial brasileiro tem mostrado maturidade, competência e espera do novo governo a manutenção e o fortalecimento das parcerias firmadas. Espera poder continuar trabalhando junto, a quatro mãos. **Mônica Bergamaschi**

Educação, a grande força transformadora

Um mês antes do encerramento das atividades do programa “Agronegócio na Escola” em 2002, professores de todas as escolas participantes reuniram-se para trocar experiências sobre a aplicação do programa.

“Programa Agronegócio na Escola” 2002

10 cidades
Jaboticabal, Bebedouro, Monte Alto, Guariba, Pradópolis, Barrinha, Pitingueiras, Pontal, Sertãozinho e Ibitiúva

20 escolas públicas

1 escola particular

6200 alunos do primeiro ano do ensino médio

500 professores

140 visitas realizadas

A psicóloga Bernadete Takeda, da Usina São Martinho, uma das empresas associadas que recebem visitas de alunos, aplicou uma dinâmica para ao mesmo tempo motivar e fazer o professor repensar sua missão enquanto educador.

Como resultado, havia 150 professores divididos em grupos, confeccionando cartazes para expressar o trabalho desenvolvido junto com a ABAG/RP. Palavras e imagens compuseram trabalhos com avaliações otimistas e recompensadoras.



Grupo 1 A importância do trabalho em equipe

A convivência em grupo e o espírito de equipe foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho ao longo do ano. Para os professores a oportunidade oferecida pela ABAG/RP foi ímpar e, portanto, desenvolvida com muito entusiasmo. O objetivo foi alcançado porque os alunos entenderam a necessidade de uma melhor formação profissional para alcançar o mercado de trabalho. A palavra escolhida foi “esperança”.



Grupo 2 O futuro já começou

Foi assim que o grupo definiu sua participação no programa “Agronegócio na Escola”. O envolvimento de todos: escola, professores e empresas se deu de tal forma que os alunos por meio de suas descobertas, passaram não apenas a se interessar pelo assunto, mas também pelo futuro. “Confiança” foi a palavra escolhida.

Grupo 3 O antes e o depois

Antes do agronegócio entrar nas salas de aula, os alunos trabalhavam apenas com a teoria. A oportunidade de oferecer o “palpável” fez com que todos olhassem de uma forma diferente para o futuro. Um futuro onde tudo pode melhorar. Os professores explicaram que quando o aluno consegue ver a aplicação prática para o que está estudando, ele acredita no professor e a relação com a escola fica muito melhor.

A auto-estima dos alunos aumentou muito depois do programa, desistir no meio do caminho, nem pensar.



Grupo 4 ABAG/RP você merece 10

A nota foi dada pelo grupo porque o programa abriu as portas do futuro não só para os alunos, mas para os professores também. Para o grupo a inserção do conceito e das possibilidades do agronegócio na vida de todos ampliou os horizontes, trouxe alegria e motivação. Fez a escola se movimentar de maneira diferente.

Sair das 4 paredes e encontrar um caminho novo mudou as perspectivas de ensino e aprendizagem. Mudou rostos.

A nova de visão a respeito das empresas visitadas fez com que alunos e professores vissem não apenas o que elas comercializam, mas como produ-



zem e como se relacionam com a comunidade, com a região. Usando uma expressão bem comum aos adolescentes os professores definiram o projeto como “tudo de bom”, como uma revolução no modo de ensinar e de enxergar a realidade em volta. Realidade onde existem oportunidades que fazem alunos e professores sonharem mais alto.

Grupo 5 Trabalho de formiguinha

Este grupo comparou o trabalho do educador com o da formiguinha, que constrói sem parar, pensando no futuro. Um trabalho que ganhou fôlego com o programa “Agronegócio na Escola”. Uma novidade. Uma esperança dentro da difícil realidade da educação no Brasil. Do trabalho de hoje depende o país de amanhã. O intercâmbio que o programa possibilita faz com que se aprenda todo dia. Uma ação que com certeza terá uma reação positiva.



Grupo 6 Hora de transformação

O programa educacional da ABAG/RP foi relacionado ao momento em que vive o país. Um momento de transformação onde a escola também precisa estar aberta para as mudanças. “Atitude” foi a palavra escolhida pelo grupo. “É hora de botar a mão na massa, a cabeça na aula e começar a desenvolver projetos que possam gerar oportunidades, como o “Agronegócio na Escola”, afirmou a professora Cristina Petraca.

O importante não é apenas o projeto em si, mas o comprometimento da escola, do professor e do aluno. Um comprometimento que foi conseguido graças à clareza de proposta que se imprimiu no trabalho desde o seu início.



Grupo 7 Será que o que fizemos foi suficiente?

Para o último grupo a se apresentar parecia que havia muito pouco a dizer, mas não. Eles deixaram bem claro que não resta nenhuma dúvida quanto as possibilidades profissionais que o programa desvenda com as visitas feitas às empresas.



“O aluno não precisa sair de sua região. Ele tem oportunidade de trabalho perto de sua família, onde estará também contribuindo para sua comunidade”. A conclusão da professora Valéria Fernandes foi seguida de uma pergunta: “Será que o que fizemos foi suficiente?” A conclusão foi que por enquanto sim, mas ainda há muito a fazer. “As sementes ainda vão frutificar, outras precisam ser plantadas, e esses alunos com certeza olham para o futuro com mais confiança, prontos para conquistar seu espaço e mostrar que a educação é a grande força transformadora”.



ALUNOS EM VISITA

